

FOTOGRAFIA ‘FALADA’:
*histórias e memórias do Bairro Herculano a partir das
fotografias do arquivo pessoal das suas moradoras*

INÊS SANTOS MOURA

FLUP / DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E ARTE—U. AVEIRO

VANIA BALDI

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E ARTE—U. AVEIRO

The present article proposes a reflection on the work and use of the photo elicitation methodology for the creation of a collective memory of the ilha Bairro Herculano (Porto), in the context of a Ph.D. research project still in development. This Ph.D. research project aims to analyse and reflect on the digital technologies and their potential to encourage citizen participation and the strengthening of the social ties between the neighbours.

In the present research, through the gathering of representative photographs of the life of and in the Herculano neighbourhood, interviews are carried out to determine the social and documentary dimensions of each photo, helping to reveal the history, identity and the dynamics of socialization amongst its residents. In this way, is intended to draw a history of the past, the present and the future perspectives of that place and its inhabitants.

In the practice of photo elicitation, two procedures can be considered, the first being based on the selection of photographs chosen by the researcher and presented to the interviewees, the second being based on the photographs captured by the interviewees (Vannini, Rega, Sala & Cantoni, 2015). In this case, the approach adopted for the practice of photo elicitation implies the involvement of the residents/interviewees in the selection of photographs belonging to their personal photographic archive, thus, developing conversations between the researcher and the interviewed about these photographs.

The photo elicitation is based on the photographs of the personal files of a group of residents of the Bairro Herculano. In this article, it is already possible to present two examples of photo elicitation that were accomplished within the scope of this study. The use of this method of work has been fundamental in the collection of stories and memories about the housing and social reality of the Herculano neighbourhood.

Keywords. Photo elicitation; photography; memory; citizen participation; Bairro Herculano.

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a utilização do método de foto elicitação (*photo elicitation*) para a construção de uma memória coletiva sobre a ilha Bairro Herculano (Porto), no contexto de um projeto de investigação de doutoramento em curso, que pretende analisar e refletir sobre as potencialidades das tecnologias digitais no fomento das relações de proximidade e da participação cidadã. Na presente investigação, procura-se através da recolha de fotografias representativas da vida do e no Bairro Herculano, realizar entrevistas, no sentido de analisar as dimensões sociais e documentais de cada imagem, que auxiliem a revelar a história, identidade, arquitetura do espaço em análise e das dinâmicas de socialização entre os seus moradores. Deste modo, pretende-se traçar uma história do passado, do presente e do possível futuro daquele lugar e dos seus habitantes.

Na prática da foto elicitação podem ser consideradas duas abordagens: uma baseia-se na seleção de fotografias escolhidas pelo/a investigador/a e que são apresentadas aos entrevistados, a outra apoia-se nas fotografias captadas pelos/as entrevistados/as (Vannini, Rega, Sala & Cantoni, 2015). Neste caso, a abordagem adotada para a prática da foto elicitação implica o envolvimento dos moradores/entrevistados na seleção de fotografias pertencentes ao seu arquivo fotográfico pessoal, assim desenvolvendo-se conversas entre a investigadora e a entrevistada/o em torno dessas fotografias.

A foto elicitação tem como base as fotografias dos arquivos pessoais de um grupo de moradoras do Bairro Herculano. Neste artigo, já é possível apresentar dois exemplos de foto elicitação que foram concretizados no âmbito deste estudo. A utilização deste método de trabalho tem-se revelado fundamental na recolha de histórias e memórias sobre a realidade habitacional e social do Bairro Herculano.

Palavras-chave. Foto elicitação; fotografia; memória; participação cidadã; Bairro Herculano.



o que lhe proporcionou a oportunidade de viajar e contactar com pessoas que conheciam as realidades habitacionais dos bairros operários de outras cidades europeias, como Paris ou Londres. O Bairro Herculano foi planeado com o objetivo de fornecer uma qualidade superior de habitabilidade e salubridade em comparação com outras ilhas do Porto (Pinto, 2007). No entanto, os salários da classe operária não permitiram que fosse possível habitar de imediato as casas da ilha Bairro Herculano, uma vez que o valor das rendas era elevado relativamente a outras ilhas.

Como afirma Pinto (2007):

«Apesar do cuidado na sua construção e da qualidade infinitamente superior ao das ilhas das proximidades (tinha até abastecimento independente de água!), o Bairro Herculano revelou-se um fracasso imobiliário, conduzindo, inclusivamente, o seu promotor à ruína, com a Companhia Geral de Crédito Popular Português a executar legalmente as hipotecas, em 1888» (Pinto, 2007: 134).

A partir de 1892, o Crédito Predial Português torna-se dono da ilha Bairro Herculano e esta começa a ser habitada.

A foto elicitação no desenvolvimento de uma memória coletiva sobre o Bairro Herculano

A ‘foto elicitação’ [*photo elicitation*] foi um conceito e um método que surgiu no trabalho de investigação que o fotógrafo e investigador John Collier desenvolveu sobre a saúde mental em comunidades em mudança nas províncias marítimas do Canadá nos anos 1950s (Harper, 2002). Como Harper (2002) explica:

«The technique was put to use in research when the Cornell team used photo elicitation to examine how families adapted to residence among ethnically different people, and to new forms of work in urban factories» (Harper, 2002: 14).

O trabalho de investigação foi revelado no artigo *Photography in Anthropology: A Report on Two Experiments*, em 1957, pelo autor John Collier na revista científica *American Anthropologist* (Harper, 2002).



Imagens 2 e 3. Rua nº6 do Bairro Herculano (em cima); Rua nº1 do Bairro Herculano (em baixo). Provas fotográficas da autoria de Inês Santos Moura, abril de 2018 e março de 2019 (respetivamente).

Collier (1957) explicava que o método de foto-entrevista utilizado no contexto da sua investigação demonstrou que as fotografias tinham a capacidade de alcançar centros de reação mais profundos, incentivando reações mais espontâneas de natureza emocional, por parte dos indivíduos entrevistados. Segundo Collier (1957):

«A photograph is an abstraction. No matter how familiar the object or situation portrayed may be, a photograph is a restatement of reality; it presents life around us in new, objective, and arresting dimensions, and can stimulate the informant to discuss the world about him as if observing it for the first time» (Collier, 1957: 859).

Gisèle Freund escreve também que a fotografia desempenha um papel muito importante na vida contemporânea, evidenciando que «quase não existe uma actividade humana que não a empregue, de uma maneira ou de outra. Tornou-se indispensável para a ciência e para a indústria» (Freund, 1989: 20).

O processo de entrevista através da foto elicitación permite que sejam estabelecidas relações, evocadas experiências e vivências na pessoa, ainda que essas imagens não se refiram diretamente à sua vida (Harper, 2002). A foto elicitación é uma forma de capturar mais detalhadamente as percepções e as experiências dos entrevistados e é considerada igualmente uma alternativa a métodos que se baseiam apenas na recolha e análise de histórias de vida (Padgett, Smith, Derejko, Henwood & Tiderington, 2013).

Desta forma, as fotografias são um ponto de partida e estabelecem-se igualmente como pontos de referência para o desenvolvimento de reflexões acerca daquilo que está presente e que se pode observar através destas, que poderá ser algo familiar ou não, sendo que «their literal content can almost always be read within and across cultural boundaries» (Collier & Collier, 1986: 99).

A fotografia não é só uma interpretação da realidade que nos rodeia, mas também «uma marca, um rasto directo do real, como uma pegada ou uma máscara mortuária» (Sontag, 1986: 136). Através desta, «a Humanidade adquiriu o poder de aperceber-se, com outros olhos, do seu ambiente e da sua existência» (Freund, 1989: 188).

A *foto elicitação* é uma metodologia de trabalho que está a ser utilizada no âmbito do presente projeto de investigação de doutoramento. Neste sentido, o referido projeto de tese pretende analisar e refletir sobre as potencialidades das tecnologias digitais no fomento das relações de proximidade e da participação cidadã, integrando esta perspetiva teórico-prática no contexto urbano da ilha Bairro Herculano. Com isto, espera-se que seja possível compreender e verificar se as utilizações destes recursos tecnológicos serão capazes de conceder 'voz' e visibilidade social ao grupo participante, potenciando a sua participação cidadã.

A *foto elicitação* tem sido utilizada como um processo de trabalho relevante para o desenvolvimento do estudo sobre o Bairro Herculano e os seus moradores, na recolha de testemunhos sobre a realidade habitacional e social do Bairro. Como explica o autor Harper (2002):

«Photographs appear to capture the impossible: a person gone; an event past. That extraordinary sense of seeming to retrieve something that has disappeared belongs alone to the photograph, and it leads to deep and interesting talk» (Harper, 2002: 23).

A fotografia contempla em si diferentes componentes, como por exemplo, as dimensões: estética, técnica ou social. Como refere Clark-Ibáñez (2004):

«photos are intimate dimensions of the social. For example, photos of family or other intimate social groups, images of one's own body, and photos that connect one's self to society, culture, or history» (Clark-Ibáñez, 2004: 1511).

A fotografia tem também uma dimensão documental, que a torna «como o processo de reprodução mais fiel, o mais imparcial, da vida social» (Freund, 1989: 20), sendo considerada como um documento legal e de testemunho (Sekula, 1982).

Poderá encontrar-se igualmente na fotografia uma dimensão etnográfica, como Roland Barthes afirma:

«Quando William Klein fotografa o 1º de Maio de 1959 em Moscovo mostra-me como se vestem os russos (que afinal eu desconheço) (...). Posso ainda entrar no pormenor notando que muitos dos homens fotografados por Nadar tinham as unhas compridas. Pergunta etnográfica: como é que usavam as unhas nesta ou naquela época? Isso pode a Fotografia dizer-me muito melhor do que os retratos pintados» (Barthes, 2010: 37).

Na presente investigação procura-se, através de fotografias, analisar as dimensões sociais e documentais de cada imagem, que auxiliem a revelar as histórias, identidades e arquiteturas do espaço do Bairro Herculano e das dinâmicas de socialização entre os seus moradores. Deste modo, pretendendo traçar uma história do passado, estimulando o seu possível resgate para o presente e o futuro do lugar e dos seus habitantes.

Na prática da foto elicitação poderão ser considerados dois modos de execução, poderá optar-se por uma forma de trabalho em que as fotografias são escolhidas pelo/a investigador/a e apresentadas aos entrevistados ou, por sua vez, utilizar fotografias captadas pelos entrevistados (Vannini, Rega, Sala & Cantoni, 2015). Como afirma Elisa Bignante (2010):

«The images may be produced by the informants (the so-called native image making technique) or may be provided by the researcher. In the first case, covered here, the informants produce the images (with a camera, video camera or other means) and then discuss the meaning with the researcher» (Bignante, 2010: 2).

Na presente investigação, a prática adotada para o desenvolvimento da *foto elicitação* implica o envolvimento dos moradores/entrevistados na seleção de fotografias pertencentes ao seu arquivo fotográfico pessoal assim, desenvolvendo-se conversas entre a investigadora e a entrevistada em torno destas fotografias.

O processo de utilização desta metodologia participativa tem decorrido da seguinte forma:

- Contacto com os moradores do Bairro para uma apresentação dos objetivos do projeto de investigação para, deste modo, incentivar a criação de um grupo de trabalho colaborativo com os moradores para o desenvolvimento da presente pesquisa;
- Moradores e moradoras foram contactados/as para participarem no projeto, mas até ao momento e após algumas conversas informais, o grupo de pesquisa é constituído exclusivamente por mulheres, considerando que foram estas que se mostraram mais disponíveis para colaborar. Foi-lhes solicitado que pesquisassem fotografias de momentos captados no contexto do Bairro Herculano nos seus arquivos fotográficos pessoais;



Imagem 4. Algumas das fotografias cedidas por um grupo de moradoras do Bairro Herculano. As fotografias poderão ser visualizadas na plataforma digital do projeto de investigação.

- As fotografias cedidas são digitalizadas e colocadas na plataforma *online* do projeto¹ (com o consentimento informado das participantes);
- Concluído o processo de digitalização fotográfica, juntamente com cada proprietária das fotografias, têm sido realizadas conversas, reflexões e análises sobre o conteúdo visual de cada fotografia. Este processo é denominado, no presente projeto de investigação, como *Fotografia “Falada”*.

Até ao momento, foram cedidas vinte e três fotografias, desde retratos captados no século XX de crianças e adultos, até fotografias da preparação da festa de São João [Ver *Imagem 4*].

No presente momento, é possível mostrar dois exemplos de *foto elicitación* que estão designados como *fotografia “falada” — exemplo 1 e exemplo 2* na plataforma digital do projeto. A *foto elicitación* tem-se revelado uma metodologia de trabalho importante no trabalho com as moradoras do Bairro Herculano, na medida em que, através desta foi possível obter algumas informações relevantes sobre a forma como o espaço habitacional do Bairro Herculano e as relações entre os seus moradores se foram modificando no decorrer do tempo. Como explica uma das moradoras, no exemplo nº1 [Ver *Imagem 5*], quando comenta que não pode deixar a porta aberta da sua habitação como antigamente, justificando como segue:

«É por pessoas andarem aí a roubar. (...) Aqui há tempos estendi duas passadeiras novas e levaram-me as passadeiras, de dia (...). Hoje em dia não é como antigamente, temos que ter muito, muito cuidado».

Esta conversa suscitou algumas reflexões sobre a segurança no Bairro. Segundo a mesma moradora, antigamente era mais seguro viver naquele lugar, e dá um exemplo:

«(...) antigamente não tínhamos luz, a gente brincava (...) e andávamos aqui durante a noite e não havia problema nenhum, andávamos à vontade até às tantas horas da noite (...). Agora hoje em dia, não. E tenho saudades desse tempo. (...) Não dá, hoje não dá. É muito diferente que antigamente, a gente antigamente era uma família... era uma família (...).».

A fotografia do exemplo nº 2 [Ver *Imagem 6*] trata sobre um dos momentos mais marcantes da história e da memória coletiva do Bairro: a instalação da iluminação pública em 26 de novembro de 1976. A entrevista estabelecida em torno desta fotografia revelou como surgiu esta iniciativa entre os moradores:

«(...) porque era uma necessidade que o bairro tinha, de ter iluminação pública, porque havia vários moradores que tinham luz, como ainda existe, à porta, mas a maioria não tinha. O Bairro (...) era escuro (...) tinha-se medo (...) não é que houvesse assaltos (...) juntaram-se e foi esta iniciativa e a iniciativa do Largo. O Largo era em terra batida (...) também foi, conforme está hoje, todo empedrado (...) Acho que foram as duas melhorias que teve (...)».

Histórias e Memórias do Bairro Herculano

Fotografia “Falada” – Exemplo nº 1



Imagem 5. [Sem identificação de autoria]. Rua nº 5 do Bairro Herculano, 1930-40 (data aproximada). Do arquivo particular de Olga S.

«É o meu pai e os [???] que estão aí, os mais novos, são os meus irmãos (...) nós somos sete, cinco rapazes e duas raparigas. O meu pai está ali na porta e estão ali mais pessoas que não estou a ver quem são, mas que devem ser da família (...)».

Nesta altura já tinha nascido?

«Eu não, ainda não tinha nascido».

Há quanto tempo foi tirada esta fotografia?

«O meu irmão mais velho tem 70 e tal anos, foi mais ou menos na década de 30 (século XX). É muito antiga esta fotografia».

Tinha falado sobre as portas...

«(...) eram meias-portas, tinham uma porta grande por dentro e abriam a meia-porta (...) abria a portada para trás e ficavam assim as portas. Como está a ver ali aquela fechada, era assim».

Gostaria de realçar algum pormenor da fotografia?

«Tínhamos as pias, não havia vasos, porque antigamente não se usava nada disso. Os paus da roupa, as tais janelas que podiam estar abertas e não havia problema nenhum. E as tais portas, que a gente abria a porta para trás e ficava assim (...) a gente brincava, estávamos ali e não havia problema nenhum».

Lembra-se de quando os moradores começaram a mudar estas portas?

«Cada um foi pondo à sua maneira. Um punha portas como já são estas agora e depois era assim (...) uns atrás dos outros. Ainda tive aqui uma senhora que até há 17 anos atrás morreu com a porta assim. Foi a única que não mudou a porta».

Acha que este tipo de portas facilitava a comunicação entre os vizinhos?

«Sim, sim. Conforme está a ver aqui, está ali o meu pai e as pessoas comunicavam umas com as outras assim (...)».

Hoje em dia as pessoas ainda deixam as portas abertas?

«Não, hoje em dia já não se pode fazer isso. É sair e fechar tudo bem fechado. Antigamente não (...) eu ia aos recados e ficava a janela aberta, porta aberta e não havia problema nenhum. Agora não, nem pensar. Agora tem que ser tudo fechado, bem fechado a sete chaves».

Mas porque é que atualmente não deixa a porta aberta?

«É por pessoas andarem aí a roubar. Eu aqui há tempos estendi duas passadeiras novas e levaram-me as passadeiras, de dia. Tiraram-me as passadeiras do arame, deixaram o pau e as molas (...). Hoje em dia não é como antigamente, temos que ter muito, muito cuidado».

Quando era mais nova e estava a viver no bairro nessa altura sentia mais segurança do que sente hoje?

«Sim (...) sem dúvida (...) antigamente não tínhamos luz, a gente brincava, era às corridas, era aos cowboys, e eu falo por mim que era uma maria-rapaz. Jogávamos a sameira e andávamos aqui durante a noite e não havia problema nenhum. Andávamos à vontade até às tantas horas da noite (...). Agora, hoje em dia, não. E tenho saudades desse tempo. (...) Não dá, hoje não dá. É muito diferente que antigamente, a gente antigamente era uma família... era uma família. (...) toda a gente gostava de vir para minha casa. (...) Não tem nada a ver com hoje e é uma coisa que dá muitas saudades. A mim pelo menos dá muitas saudades. Por isso, eu sair daqui... só saio daqui para o cemitério. E tenho uma casa, tenho um T3, mas não saio daqui. Sinto-me bem aqui. Onde eu nasci e tenho as minhas raízes todas (...) e é aqui que eu me sinto bem».

Fotografia "Falada" – Exemplo nº 2

Esta fotografia saiu no jornal, certo?

«Sim, no Janeiro. Esta sei que é do Janeiro, porque era onde o meu pai trabalhava».

A propósito da instalação da iluminação pública.

«(...) foi colocado em todas as ruas, na rua central (...) por quatro ou cinco pessoas, que reuniram e instalaram a iluminação. E, neste dia, que foi o dia 26, (...) à noite (...) para inaugurarmos a luz, então, toda a gente pensou em pôr as mesas na rua central (...) desde a primeira rua até cá em cima à sexta rua (...) e ficámos pela rua, todos. À noite, na hora que acende as luzes (...) a essa hora o bairro acendeu-se, foi uma festa enorme, porque nós estávamos habituados a tudo escuro, eram só as luzes das portas (...)».

«(...) acho que foi uma união de toda a gente para uma coisa só (...) e que foi importante. Acho que quem vem aqui, vê o bairro com luz e nem imagina que nós vivemos tantos anos sem luz. (...) havia ali uma casa no largo que já não estava habitada e que estava velha, então, a gente chamava a casa velha e para sair à noite



Imagem 6. [Sem identificação de autoria]. Rua central do Bairro Herculano, 26 de novembro de 1976. Fotografia publicada no jornal o “1º de Janeiro”. Do arquivo particular de Ofélia N.

tínhamos medo. Toda a gente dizia 'se não comes, está ali o homem na casa velha'. Porque era uma casa que estava em ruínas e que metia medo. Com a luz (...) já não tinha medo nenhum».

Como surgiu esta iniciativa?

«Porque era uma necessidade que o bairro tinha, de ter iluminação pública, porque havia vários moradores que tinham luz, como ainda existe, à porta, mas a maioria não tinha. O Bairro (...) era escuro (...) tinha-se medo (...) não é que houvesse assaltos (...) juntaram-se e foi esta iniciativa e a iniciativa do Largo. O Largo era em terra batida (...) também foi, conforme está hoje, todo empedrado (...). Acho que foram as duas melhorias que teve».

(...) Como surgiu esta comissão de moradores?

«(...) Dois já "cotinhas" e três mais jovens e entre eles (...) estabeleceram tudo e fizeram. Se viesse alguém dizer 'não é aqui' (...) era assim que estava definido e assim foi nos sítios que era para ser (...) e toda a gente aceitou bem. Se houvesse algum que não aceitou, não levavam ao que eles diziam, porque estava programado e assim foi. Depois toda a gente já dizia 'que bom, que bom'».

«(...) recolheram material, porque o material foi cedido (...) já não me lembro, mas acho que foi pelos serviços da Luz. Depois foi a instalação, que ainda demorou um tempo. O meu pai ainda caiu de uma escada e partiu um braço».

O seu pai fazia parte desta comissão?

«Sim, sim. E foi ele que fez o esquema, a instalação como deveria de ser, onde havia de ser as derivadas, as puxadas e lá essas coisas todas. (...) não foi só ele, mas ele como electricista que era, tinha o conhecimento (...) as pessoas que fizeram parte foram umas pessoas colaborantes com tudo e empenhadas no trabalho que estavam a fazer. Na altura nós éramos assim novas, eu e várias moças, nós varriamos a rua, lavávamos (...), mas como em tudo na vida, há sempre alguém que depois diz 'são malucas andam a varrer' (...) só sabem criticar e depois começou toda a gente a chatear-se. Depois vinham os homens fazer isso e até se fazia a recolha, porque nessa altura vinha um empregado da câmara com um carrinho recolher o lixo (...) e depois eles ao fim do mês pediam (dinheiro) (...) uns davam, outros não (...) era uma chatice e depois isso acabou».

Reflexões sobre uma memória coletiva em construção

Algumas reflexões poderão ser produzidas no que concerne à utilização desta metodologia de trabalho. Poderá afirmar-se que tem existido um empenho considerável de algumas moradoras do Bairro Herculano em contribuir para a construção de uma memória coletiva sobre o seu Bairro, pesquisando nos seus arquivos pessoais fotografias e outros elementos, participando com os seus testemunhos relativamente à realidade representada em cada fotografia. Fornecendo também informações sobre alguns acontecimentos importantes sobre a comunidade do Bairro Herculano, como foi o caso da instalação da iluminação pública em novembro de 1976.

No decorrer da prática de *foto elicitação*, foi possível observar o orgulho que as entrevistadas demonstraram ao revelarem algumas das fotografias de familiares que habitavam no Bairro, igualmente exibindo alguma nostalgia relativamente à forma como os laços sociais entre os moradores eram mais fortes antigamente do que o são na contemporaneidade, comentando que, então, eram uma ‘família’.

No que concerne ao modo como as entrevistadas pensam e sentem a sua comunidade, a foto elicitação tem revelado alguns pormenores que ajudam a distinguir visões semelhantes. Como por exemplo, uma das moradoras entrevistadas manifesta uma nostalgia intensa em relação à comunidade de antigamente, expressando que agora já não são uma ‘família’. Enquanto que outra entrevistada refere que a comunidade mudou, embora ainda considere que os moradores do Bairro Herculano mantêm laços sociais fortes entre si. As fotografias que foram recolhidas por estas duas entrevistadas permitiram que ambas pudessem refletir sobre o presente através do passado exibido nas fotografias dos seus arquivos pessoais. A *foto elicitação* consegue suscitar reações e emoções do/a entrevistado/a que não conseguiriam ser obtidas se fossem realizadas apenas entrevistas, tal como refere Elisa Bignante (2010):

«In PEI (Photo-Elicitation Interviewing), the researcher assumes that the images, the meaning(s) we attribute to them, the emotions they arouse in the observer, and the information they elicit generate insights that do not necessarily or exclusively correspond to those obtained in verbal inquiry» (Bignante, 2010: 2).

A fotografia poderá suscitar diferentes significados e interpretações, revelando-se polissémica (Bignante, 2010). As reflexões sobre a polissemia da imagem fotográfica da autora Bignante (2010) são partilhadas também pela autora Martine Joly (2005), quando esta escreve que «uma imagem visual fornece um grande número de (...) informações (...) visuais, ela pode ter múltiplas significações e prestar-se a múltiplas interpretações» (Joly, 2005: 110).

A foto elicitação continuará a ser utilizada no presente projeto de investigação, em conjunto com outros métodos de recolha de dados, como é o caso das entrevistas, desta forma, permitindo a triangulação entre diferentes técnicas, tal como comenta Elisa Bignante (2010):

«PEI doesn't aim to replace other forms of enquiry such as traditional interviews. On the contrary, it represents a useful tool both to triangulate between different information sources and potentially to bring different insights into the research» (Bignante, 2010: 3).



NOTAS

- 1 As fotografias do projeto dedicado ao Bairro Herculano podem ser visualizadas através da seguinte ligação: <https://bairroherculano.wixsite.com/projeto/memoria-coletiva>.

O presente projeto de investigação é financiado pela FCT — Fundação para a Ciência e Tecnologia —, através da atribuição de bolsa individual de doutoramento com a referência SFRH/BD/131706/2017.

Projeto de investigação, *Fotografia “Falada”*.

Disponível em <https://bairroherculano.wixsite.com/projeto/fotografia-falada>.

Projeto, *Memória Coletiva*.

Disponível em <https://bairroherculano.wixsite.com/projeto/memoria-coletiva>

Referências

- Barthes, R. (2010). *A câmara clara*. Lisboa: Edições 70.
- Bignante, E. (2010). The use of photo-elicitation in field research. *EchoGéo*.
- Clark-Ibáñez, M. (2004). Framing the Social World With Photo-Elicitation Interviews. *American Behavioral Scientist*, 47, 1507-1527.
- Collier, J. (1957). Photography in Anthropology: A Report on Two Experiment. *American Anthropologist*, 59, 843-859.
- Collier, J. J., & Collier, M. (1986). *Visual Anthropology: Photography as a Research Method*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- Freund, G. (1989). *Fotografia e Sociedade*. Lisboa: Vega - Comunicações & Linguagens.
- Harper, D. (2002). Talking about pictures: a case for photo elicitation. *Visual Studies*, 17.
- Joly, M. (2005). *A Imagem e os Signos*. Lisboa: Edições 70.
- Padgett, D. K., Smith, B. T., Derejko, K.-S., Henwood, B. F., & Tiderington, E. (2013). A Picture Is Worth . . . ? Photo Elicitation Interviewing With Formerly Homeless Adults. *Qualitative Health Research*, 1435-1444.
- Pinto, J. (2007). *O Porto oriental no final do século XIX*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sekula, A. (1982). On the Invention of Photographic Meaning . Em V. Burgin, *Thinking Photography*. Palgrave Macmillan.
- Sontag, S. (1986). *Ensaios sobre Fotografia*. Publicações Dom Quixote.
- Vannini, S., Rega, I., Sala, S. & Cantoni, L. (2015). Using Photo-Elicitation to explore social representations of community multimedia centers in Mozambique. *The Electronic Journal of Information Systems in Developing Countries*, 1-23.